

(RE)PENSANDO OS CORPOS DAS MULHERES EM UM CONTEXTO DE ENSINAR E APRENDER¹

(RE)THINKING ABOUT THE WOMEN'S BODIES IN A TEACHING-LEARNING PROCESS

Fabiane Ferreira da Silva¹
Co-autora Prof^ª. Msc. Guiomar Freitas Soares²
Orientadora Prof^ª Dr^ª Paula Regina Costa Ribeiro³

¹Mestranda UFRGS/ICBS, fabi@ceamecim.com.br

²FURG/DECC, guifreso@vetorial.net

³UFRGS/FURG/DECC, pribeiro@vetorial.net

Resumo

Este artigo tem como propósito problematizar as múltiplas inscrições nos corpos, tomando como referência narrativas das mulheres que participam da Associação Movimento Solidário Colméia, Rio Grande/RS/Brasil. Nesse sentido, buscamos discutir aquilo que habitualmente pensamos ser o corpo – materialidade biológica – e chamar a atenção para a existência de alguns discursos, práticas sócio-culturais, abordagens científicas, entre outras construções, que transitam e se correlacionam no tecido social produzindo-o e (re)significando-o. Como estratégia metodológica para a coleta de dados utilizamos o grupo focal. Para tanto, foram realizados 10 encontros dos quais participaram 20 mulheres, com idade entre 18 e 60 anos, as quais estão em processo de escolarização (Educação de Jovens e Adultos). No estudo, apresentamos e analisamos as narrativas dessas mulheres sobre seus corpos, estabelecendo conexões com os Estudos Culturais e de Gênero, nas suas vertentes pós-estruturalistas.

Palavras-chave: corpo, mulher, narrativas, Educação de Jovens e Adultos

Abstract

This article aims to problematize the multiple registrations in the bodies, taking as reference narratives from women who participate in the Associação Movimento Solidário Colméia (Association Solidarity Movement Beehive) in Rio Grande/RS/Brazil. In this sense, we focused on what is regularly thought to be the body–biological materiality–and to call their attention for the existence of some speeches, social and cultural practices, scientific approaches, among other constructions, that flow and relate to the social fabric producing it and (re)building its meaning. We applied the focal group as a methodological strategy for the collection of data. In order to do so, there were 10 encounters attended by 20 women, ages varying from 18 to 60 years old, who are in schooling process (educação para jovens e adultos EJA – youth and adult education). In this study, we present and analyze the narratives of these women on its bodies, establishing connections with the Cultural Studies and of Gender, in its post-structuralist derivations.

Keywords: woman, narratives, youth and adult education

¹ Este trabalho é parte integrante de uma dissertação de mestrado em andamento, do curso de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde.

APRESENTAÇÃO

Neste artigo, buscamos discutir aquilo que habitualmente pensamos ser o corpo – materialidade biológica – no sentido de enfatizar a existência de alguns discursos, práticas sócio-culturais, abordagens científicas, entre outras construções, que transitam e se correlacionam no tecido social, produzindo-o e (re)significando-o. É nessa direção, entendendo o corpo como um híbrido (cultura e biologia), que empreendemos a escrita do presente texto, ao problematizar as múltiplas inscrições nos corpos, tomando como referência as narrativas das mulheres que integram a Associação Movimento Solidário Colméia, Rio Grande/RS/Brasil, as quais estão em processo de escolarização.

A Associação Movimento Solidário Colméia tem como principal objetivo possibilitar o resgate da cidadania e a melhoria da qualidade de vida das famílias envolvidas, residentes no bairro Castelo Branco, município do Rio Grande, as quais vivem em situação de extrema pobreza. A maioria das famílias que integram essa associação vivem da coleta de alimentos, roupas, móveis e até eletrodomésticos no lixão. Os problemas sócio-econômicos enfrentados por essas pessoas necessitam de ações, que foram condicionando o perfil da Colméia. Dentre essas ações destacamos a Educação de Jovens e Adultos (EJA), concretizada em parceria com a Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), proposta que assume um compromisso com as questões que envolvem, em especial, a alfabetização e o letramento de um grupo socialmente excluído. Soma-se a isso, a urgência de implementação de políticas públicas que contemplem ações educativas para atender situações prioritárias, como a exclusão de jovens e adultos não escolarizados, em especial as mulheres, cuja realidade revela não só sua exclusão do processo de escolarização, mas também do mercado de trabalho.

Sabemos que, no Brasil, o grande número de jovens e adultos fora da escola ainda é uma realidade, e que, também, persistem os altos índices de evasão e repetência nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Conforme apontam Haddad & Di Pierro (2000), o Brasil contava, na década de 90, com cerca de 46 milhões de pessoas que não tiveram acesso à escola ou não concluíram os primeiros anos de estudo e que, portanto, não completaram o seu processo de alfabetização.

Frente a tais questões, a EJA torna-se uma possibilidade de atender essa população que foi excluída do processo de escolarização, uma vez que tal exclusão é produzida pelas políticas educacionais ao longo da história do nosso país. Sendo assim, com o propósito de realizar ações que contribuam para reverter essa realidade educacional excludente, destacamos dois projetos desenvolvidos com as mulheres da Colméia que participam do programa da EJA: a **Roda de Conversa e Leitura: do mundo e da palavra**, que tem como propósito estimular situações que favoreçam a integração do grupo, buscando possibilitar o resgate da cidadania e a criticidade dessas mulheres; e o projeto **Mulher e Cidadania**, que tem como objetivo oportunizar espaços de reflexão e discussão acerca de temáticas que envolvem corpo, gênero e sexualidade, buscando esclarecer dúvidas e desconstruir mitos a respeito desses assuntos.

No presente texto, focalizamos o projeto Mulher e Cidadania a fim de (re)pensarmos algumas marcas nos corpos dessas mulheres. Para tanto, organizamos a escrita do texto ora apresentado em três momentos. No primeiro, buscamos situar a discussão com base no aporte teórico oferecidos pelos Estudos Culturais e de Gênero, nas suas vertentes pós-estruturalistas. No segundo momento, assumimos a referida perspectiva teórica para discutir a noção de corpo como um produto de relações processadas historicamente no âmbito de diversas práticas culturais e sociais. Por fim, buscamos descrever algumas estratégias metodológicas realizadas durante os encontros previstos pelo projeto, bem como apresentamos e analisamos algumas narrativas das mulheres a respeito dos seus corpos, que foram emergindo ao longo dos encontros.

SITUANDO A PERSPECTIVA TEÓRICA

O entendimento de corpo e gênero como invenções produzidas no âmbito cultural, social e histórico, implicados em sistemas de significação e relações de poder levaram-nos a estabelecer algumas conexões com os Estudos Culturais e de Gênero, pelo viés de suas vertentes pós-estruturalistas. A seguir, apresentamos alguns pressupostos desses estudos, os quais fundamentam o presente texto.

Os Estudos Culturais constituem um campo de teorização, investigação e intervenção, não homogêneo, de caráter interdisciplinar, ou como outros comumente têm mencionado, “antidisciplinar”, que estuda os aspectos culturais da sociedade, sem fazer distinção entre a “alta cultura” – cinema, pintura, clássicos da música e da literatura – e a “baixa cultura” – programas de televisão, publicidade, música popular, atividades de lazer (COSTA, 2004; SILVA, 2004; VEIGA-NETO, 2004).

Na perspectiva de tais estudos, fica evidente que uma questão central é o entendimento da concepção de cultura. Nesse sentido, entendemos que a cultura inclui valores, regras, leis, crenças, literaturas, artes, mídia, códigos de pensar, idéias políticas e tantas outras produções através das quais os grupos sociais representam suas visões de mundo (LEMERT, 1997). Para Silva a cultura é:

[...] um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nessa concepção, um campo contestado de significação. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição da identidade cultural e social dos diferentes grupos. A cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser (2004, p. 133-134).

De acordo com Hall (1997, p. 2) “a cultura tem a ver com a produção e o intercâmbio de significados – o “dar e receber de significados” – entre os membros de uma sociedade ou grupo” e acrescenta, “a cultura depende de que seus participantes interpretem de forma significativa o que esteja ocorrendo ao seu redor, e “entendam” o mundo de forma geral semelhante”. Segundo Veiga-Neto (2004, p. 40) “a cultura está imbricada indissolavelmente com relações de poder², derivam dessas relações de poder a significação do que é relevante culturalmente para cada grupo”. Para o último autor, isso significa uma desnaturalização da cultura, significa que, para os Estudos Culturais, “não há sentido dizer que a espécie humana é uma espécie cultural sem dizer que a cultura e o próprio processo de significá-la é um artefato social submetido a permanentes tensões e conflitos de poder (Id., *ibid.*)”

No contexto citado, os significados são produzidos em diversas instâncias sociais e circulam através de diferentes processos ou práticas, não sendo os mesmos constantes e fixos, mas ao contrário, são fluidos, são múltiplos (HALL, 1997). Em geral as sociedades configuram-se como sistemas de significação que efetuam através das mais distintas instituições sociais – família, escola, mídia, igreja, hospital – as quais inscrevem diferentes marcas nos corpos, ensinando-os costumes, valores, crenças, maneiras de se perceber, ser e de agir como mulher ou homem de um grupo específico, em uma dada sociedade, em um determinado contexto. Para Louro (2004) essas instituições sociais são espaços “generificados”, atravessados pelas representações de gênero e, ao mesmo tempo, produzem, expressam e/ou (re)significam as referidas representações.

² Utilizamos o conceito de poder num sentido foucaultiano, poder não como algo que se detém, não como algo fixo, nem como partindo de um centro, mas como uma relação que se exerce, um poder “capilar” que está infiltrado e fluido no tecido social (FOUCAULT, 1999).

Tais entendimentos nos possibilitam olhar os corpos e os gêneros de forma a desnaturalizá-los, ou seja, de forma a problematizar e a questionar os discursos considerados verdadeiros, dados como naturais, por exemplo, o pressuposto de que os lugares e os destinos sociais dos sujeitos se ancoram na biologia. Assim, as mulheres estariam destinadas à maternidade, à sensibilidade e às emoções. Já os homens estariam destinados à força, a razão, ao domínio e ao controle.

No contexto desta discussão, gênero refere-se a um conceito elaborado por estudiosas feministas, no qual se assinala o caráter social das diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 1995; LOURO, 2004, 2001a). De acordo com Louro (2001a, p. 70) “o que as estudiosas feministas procuram fazer é demonstrar que a feminilidade e a masculinidade não são constituídas propriamente pelas características biológicas. Mas, sim, por tudo que se diz ou representa a respeito destas características”. Assim, passamos a entender o corpo e o gênero como resultados de um processo de construção social feito sobre diferenças sexuais, através de redes de poder (LOURO, 2004; SCOTT, 1995).

Portanto, o conceito de gênero não está ligado à função e distinções entre mulheres e homens, uma vez que essas são inteiramente construídas, mas sim ligado à produção de identidades – diversas e plurais – de mulheres e homens no cerne das relações e práticas sociais, conseqüentemente, no interior de relações de poder (LOURO, 2000). Essas relações e práticas sociais não somente constituem os vários tipos de mulheres e homens, mas também produzem as formas como as instituições sociais são organizadas e percebidas. Nesse sentido, ao longo da vida e através das mais diferentes instituições e práticas sociais, mulheres e homens aprendem a reconhecer-se como tal no âmbito das sociedades e dos grupos a que pertencem. Nas palavras de Meyer:

[...] o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e lingüística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. O conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos de construção dessas distinções – biológicas, comportamentais e psíquicas – percebidas entre homens e mulheres (2003, p. 16).

Entendemos, então, que os corpos e os gêneros são invenções produzidas no âmbito social, cultural e lingüístico, produto e efeito de relações de poder, e para os Estudos Culturais a análise consiste em problematizar as origens dessa invenção e os processos pelos quais ela se tornou naturalizada. Discutiremos, a seguir, o que estamos pensando, sentindo e entendendo sobre os corpos.

CORPOS: ÓRGÃOS, SENTIMENTOS, BELEZA, SAÚDE, GERAÇÃO, ADORNOS...

Entender o corpo como superfície de inscrição de acontecimentos biológicos, sociais e culturais tem nos possibilitado pensar e discutir muitas questões que estão presentes na nossa sociedade, tais como gênero, sexualidade, mídia, beleza, saúde, moda, entre outras, e que geralmente não estão presentes quando esse tema é discutido com os alunos, seja no Ensino Fundamental, Médio ou na Educação de Jovens e Adultos. Tal entendimento também nos possibilita pensar o corpo como resultado de uma intersecção entre o biológico e o cultural – o que nos é dado pelo legado biológico e o que nos é dado como cultural.

Porém, muitos têm considerado o corpo como sendo simplesmente o resultado de uma materialidade biológica, ou seja, um conjunto de células, tecidos, órgãos, sistemas, etc. Concordando com a proposição citada, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão cultural, social e política ou a respeito de seu caráter construído. Para Goellner, não são as

características biológicas que definem o que é o corpo, mas, fundamentalmente, os significados construídos no contexto cultural e social que ao corpo se atribuem:

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas (2003, p. 29).

Segundo Louro (2001b, p. 11) “através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas”. Os corpos, portanto, adquirem sentido socialmente, assim, por exemplo, as inscrições de gênero e sexuais nos corpos são feitas, sempre no âmbito de uma determinada cultura e, logo, com as marcas dessa cultura (LOURO, 2001b). Por aí, passamos a compreender o corpo como construção, sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diversos contextos, tempos, espaços, situações econômicas, grupos sociais, étnicos, raciais, entre outros. O corpo, assim entendido não é algo dado *a priori*, como categoria universal. O corpo é temporário, transitório, mutável e suscetível a inúmeras intervenções.

Tais entendimentos levaram-nos a perceber o quanto o corpo é alvo central de muitas “pedagogias culturais” (STEINBERG, 1997) as quais veiculam saberes, transmitem valores e nos ensinam como devemos nos relacionar com o mundo. Atualmente a mídia, a publicidade, a televisão, as revistas e livros, as músicas, as campanhas religiosas ou de saúde, entre outras, constituem-se em importantes pedagogias culturais e se voltam, diretamente para os corpos dos sujeitos. Por esse viés, a “pedagogia cultural” envolve a educação em vários espaços do social e do cultural. Assim, há pedagogia em qualquer espaço em que se realize educação, em que se ensinam aos sujeitos modos de proceder, de viver, de agir, de consumir, de comer, de vestir, de falar, etc.

Múltiplos discursos, produzidos por distintas instituições sociais – família, mídia, escola, igreja – e campos de saberes – biologia, psicologia, medicina, pedagogia, por exemplo, participam da produção dos corpos, daquilo que somos e de como nos reconhecemos enquanto pessoas. Os espaços sociais elencados apresentam determinadas representações³, que nos constituem e que demarcam e produzem a nossa identidade. Para Louro:

Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, freqüentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias (2001b, p. 25).

Essas instâncias e saberes têm o poder de nomear, classificar, transformar e definir o corpo, estabelecer, por exemplo, o que é considerado um corpo bonito, jovem e saudável (GOELLNER, 2003). As representações – de beleza, juventude, saúde, entre outras – não são universais, nem mesmo fixas, são sempre provisórias, instáveis e variam conforme o local, o tempo, o contexto onde o corpo transita, vive, se expressa, se produz e é produzido. Dessa forma, os corpos constituem-se em suportes de nossas múltiplas e distintas identidades.

Com base nas proposições apresentadas até aqui, buscamos no presente artigo olhar nas narrativas das mulheres da Colméia como os corpos vão sendo inscritos por inúmeros discursos de beleza, saúde, higiene, sexo, gênero, etnia, entre outros.

³ Na perspectiva dos Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalistas, as representações não espelham uma realidade verdadeira, ou seja, algo “real”, mas sim são construídas discursivamente, a partir de uma rede de significados, instituídos e colocados em circulação através das linguagens.

ESTABELECENDO ALGUMAS ESTRATÉGICAS METODOLÓGICAS

O presente artigo é parte de uma dissertação de Mestrado que tem como objetivo investigar a rede de discursos acerca de questões relacionadas ao corpo e ao gênero, que emergiram nos encontros realizados com as mulheres participantes da Colméia, durante o desenvolvimento do projeto **Mulher e Cidadania**. Com o propósito de atingir esse objetivo, empregamos como estratégia metodológica para a coleta de dados o grupo focal. A seguir, descrevemos brevemente o que estamos entendendo por grupo focal, bem como as possibilidades oferecidas por essa técnica.

O grupo focal⁴ (GF) é uma técnica de investigação, direcionada a um grupo selecionado pelo investigador a partir de determinadas características identitárias (gênero, classe, geração, etc.), que permite coletar informações qualitativas através da interação grupal em torno de um tema determinado pelo pesquisador (MORGAN, 1997).

Portanto, entendemos que o GF é uma metodologia que possibilita conhecer as visões dos participantes em relação a uma determinada temática. Neste estudo, buscamos obter a percepção das mulheres selecionadas sobre aspectos relacionados aos corpos e aos gêneros, através de suas próprias palavras, expressões e comportamentos. Assim, oportunizamos que falassem a respeito de suas vidas, de suas experiências, do que pensam em relação ao seu corpo, de quais são as suas crenças, preconceitos, mitos, valores e atitudes. Dentre as vantagens da utilização do GF, enfatizamos aqui a possibilidade dessas mulheres através da troca de experiências e opiniões, desestabilizarem as suas compreensões e representações vinculadas aos corpos e aos gêneros.

Utilizando o GF como metodologia, realizamos dez encontros, com duração de duas horas aproximadamente, dos quais participaram 20 mulheres com idade entre 18 e 60 anos. Das 20 mulheres que participaram dos encontros, apenas uma possui atividade remunerada, as outras são donas-de-casa, a maioria com companheiros/esposos e com 5 filhos em média. Tais mulheres, além de apresentarem extrema carência sócio-econômica, sofrem abusos sexuais, violência e maus tratos por parte dos maridos ou companheiros, e na maioria de suas famílias, há a ocorrência do alcoolismo, entre tantas outras questões que fazem parte da atual crise sócio-ambiental. Todos os encontros foram realizados na Escola Municipal João de Oliveira Martins, localizada no bairro Castelo Branco, no município do Rio Grande, a qual oportuniza o espaço físico para a realização das ações da Colméia – Educação de Jovens e Adultos, oficinas e cursos de qualificação profissional.

Durante os encontros foram concretizadas atividades de levantamento de temáticas relacionadas ao corpo, gênero e sexualidade, sensibilização e integração do grupo, troca de informações e discussões. Para tanto, foram utilizados diversos recursos culturais, tais como: elaboração de cartazes, interpretação e análise de músicas, leitura de textos, recortes e colagens, análise de filme, sempre permeados por discussões e reflexões orientadas pelo pesquisador. Para complementar a coleta de dados, utilizamos outras ferramentas, como a realização de entrevistas individuais semi-estruturadas, gravadas em fita cassete para posterior transcrição e a utilização de um questionário, que posteriormente foi analisado. Também é importante destacar que todos os encontros foram filmados em fitas VHS, objetivando transcrever e analisar as narrativas das mulheres – falas, desenhos, cartazes, etc. A seguir, passamos a olhar, descrever os primeiros encontros realizados com essas mulheres e a refletir acerca dos mesmos.

⁴ “Grupo Focal” consiste em um método de pesquisa, com origem na técnica de entrevista em grupo. A terminologia “grupo” refere-se ao número de participantes, as reuniões semi-estruturadas, à existência de um ambiente informal e à presença de um moderador que coordena as discussões e as atividades. Já o termo “focal” refere-se à proposta de coletar informações sobre um assunto específico. (MORGAN, 1997)

PROBLEMATIZANDO OS CORPOS COM AS MULHERES

Na sociedade atual, cada vez mais falamos a respeito, observamos, classificamos, enfim esquadramos os corpos, a fim de adequá-los às imposições de saúde, beleza, higiene, juventude, etc. Nesse sentido, buscamos ao longo dos encontros conhecer e problematizar as representações de corpos das mulheres participantes da Colméia, oportunizar o entendimento do corpo como um híbrido entre biologia e cultura, debater as questões de gênero e discutir a sexualidade como uma construção sócio-cultural. Levando em conta tais objetivos, organizamos algumas atividades que foram realizadas durante os primeiros encontros, as quais serão descritas e analisadas a seguir.

Uma das primeiras atividades que desenvolvemos com as mulheres foi denominada **“Que corpo é esse?”**. Com ela, tínhamos como propósito conhecer o que elas sabiam a respeito dos seus corpos. Para tanto, iniciamos a atividade solicitando-lhes que, em grupos, desenhassem sobre um pedaço de papel pardo, a figura de um ser humano. Destacamos, que o desenho foi feito no tamanho natural, pois uma das componentes do grupo se colocou como modelo para ser contornada. Em seguida, foram desenhados os órgãos que compõem esse corpo, bem como solicitamos que o mesmo passasse a ter identidade – nome, idade, estado civil, escolaridade, a presença ou não de filhos, práticas de lazer, etc.

Ao realizar a atividade proposta, também tínhamos como objetivo romper com a visão de corpo fragmentado e dissociado do ambiente em que vive, proporcionando às mulheres que se reconhecessem nesse corpo, de modo a promover o entendimento do corpo como algo produzido pela soma de inúmeros discursos – das ciências, medicina, família, saúde, religião, beleza, entre outros.

Com o propósito de continuarmos a discussão que os corpos são significados na e pela cultura realizamos a atividade denominada **“Aparência dos corpos”**. Com ela, problematizamos que a aparência dos corpos tem múltiplos significados dependendo da cultura e, assim, propiciamos uma discussão tendo como suporte as seguintes questões: o que mais gosta no corpo e o que menos gosta?; qual a parte do corpo que tem mais vergonha e qual a que não tem?; qual a parte do corpo que gostaria de mudar e a que não gostaria e, por fim, qual a parte do corpo que o companheiro/marido mais gosta?. Com relação ao que as mulheres menos gostam em seus corpos surgiram “barriga”, “rosto”, “cabelo”, “seios”. Já no que se refere ao que gostam, citaram “barriga”, “seios”, “pernas”, “rosto”, “olhos”, “dentes”, “mãos”. Com relação à parte do corpo que sentem vergonha, mencionaram “rosto”, “vagina”, “pernas”, “bumbum”, “barriga”, “cabelos brancos”, e não mudariam no corpo “bumbum”, “seios”, “barriga”, “olhos”, “nariz”, “o jeito de ser”. Por fim, quando responderam o que os homens mais gostam citaram “pernas”, “bumbum”, “corpo”, “peito”, “da cintura pra baixo”, “seios”, “rosto” e “cabelo”. Nesse sentido, entendemos que barriga, bumbum, nariz, seios, cabelos brancos, vão adquirindo significados que são construídos culturalmente, neste caso, o que é considerado pela sociedade ocidental como atraente, sensual, bonito ou também como feio ou ainda motivo de vergonha. De acordo com Louro (2003) “a aparência é, pois, algo que se apresenta ou que se representa. Vê-se o que se mostra, o que aparece; e ao que se vê se atribui significados”. E segundo a autora citada, esses significados não são fixos, “os grupos e as culturas divergem sobre as formas adequadas e legítimas de interpretar ou de ler tais características” (Id.) As discussões realizadas com as mulheres neste encontro apontam para o culto ao corpo que vivemos atualmente e, como consequência, adequá-lo às normas tornou-se quase uma obrigação, na qual podemos afirmar que a maioria das pessoas, independente de classe social, raça, gênero, idade, não estão satisfeitas com a aparência do seu corpo, sentindo a necessidade de transformar, esconder, embelezar e aperfeiçoar, práticas que se tornaram recorrentes ao longo dos tempos, e que expressam os diferentes valores culturais.

Com a intenção de complementar essa atividade, no segundo encontro, montamos um corpo feminino, em tamanho natural, confeccionado em E.V.A. (borracha para manualidades). Utilizamos tal recurso com a finalidade de auxiliar na explicação do funcionamento dos órgãos internos e externos do corpo, fecundação e gravidez, já que muitas mulheres manifestaram desconhecimento com relação a essas temáticas. O corpo construído foi denominado de Belinha (na época estava sendo exibida a novela Cabocla, na qual uma das personagens principais chamava-se Belinha). Enquanto montávamos o corpo, emergiram discussões sobre gravidez, menstruação e masturbação. Quando surgiu a palavra masturbação por parte do pesquisador, risos e murmurinhos vieram à tona. É interessante destacar os comentários com relação à masturbação. As mulheres comentavam entre si “ai que coisa feia se masturbar”, “a masturbação eu acho horrível”, “é da natureza deles”. As narrativas evidenciam que, apesar das muitas transformações com relação à sexualidade, algumas práticas ainda permanecem como tabus, ou seja, não são assuntos discutidos abertamente na família, na escola, entre outros espaços, e muitas vezes são consideradas imorais e associadas ao pecado. Várias pessoas demonstram estranhamento quando o termo masturbação aparece vinculado às práticas femininas, como se essa possibilidade de prazer e autoconhecimento fosse proibida às mulheres. Entretanto, a prática da masturbação é muito mais aceita entre os homens, a eles é permitido conhecer o próprio corpo, conhecer de que forma sentem prazer, conhecer seus desejos e experimentar as sensações corporais.

Nesse espaço de discussão, uma das questões que também merece atenção refere-se à menstruação, pois destacamos que apesar de ser um acontecimento corriqueiro, muitas mulheres não sabem ao certo o que acontece no seu corpo quando está menstruando. Além disso, tínhamos como propósito conhecer as construções culturais acerca da temática em foco. Com relação a essa questão surgiram as seguintes narrativas: “a minha mãe nunca me falou sobre isso, eu aprendi tudo por mim, porque a minha mãe não me ensinou, eu não sabia que tava menstruando, achei até que tinha me cortado” (37 anos), “não sabia falei pra mãe, [...] claro eu fiquei sangrando sem saber o que era, fiquei meio com vergonha” (43 anos), “ela disse que não pode molhar a cabeça e eu nunca molhei, [...] desde os meus treze anos quando eu tô menstruada eu não molho a cabeça” (18 anos). Das narrativas que emergiram, percebemos a existência de mitos e tabus com relação à menstruação, entendemos também o quanto esse assunto é pouco falado, seja na família, no grupo social e/ou na escola.

No terceiro dia de encontro, centramos a discussão nos sistemas reprodutores (feminino e masculino), nos métodos anticoncepcionais, nas doenças sexualmente transmissíveis e AIDS. Para tanto, recorremos à figura da Belinha e construímos um corpo masculino – que foi chamando de Neco, par romântico da Belinha na novela –, a fim de problematizarmos os dois corpos. Também neste encontro, buscamos conhecer quais métodos anticoncepcionais elas utilizavam, o que sabiam a respeito das DST e da AIDS e se já tinham sido infectadas por alguma dessas doenças, uma vez que entendemos que, em tempos de AIDS, torna-se necessário discussões a respeito das temáticas referidas. Com relação a essa questão, apenas duas mulheres disseram que já tinham tido uma DST, mas não sabiam dizer qual. Porém, todas conheciam a AIDS e suas vias de infecção, informação amplamente divulgada através das instâncias midiáticas e campanhas de saúde. No que se refere aos métodos anticoncepcionais, apenas conheciam a camisinha masculina e a pílula. Porém, desconheciam os outros métodos apresentados a elas como DIU, diafragma, camisinha feminina, anel vaginal.

As manifestações desse encontro nos impulsionaram a obter junto ao GAP/RS (Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS) preservativos femininos e masculinos, para que fossem distribuídos a cada encontro. Com relação ao uso do preservativo feminino, percebemos através das narrativas das mulheres certa resistência, pois argumentavam que a camisinha feminina machuca o corpo da mulher ou que não sentiam prazer. O que podemos verificar nas narrativas que seguem “eu não gostei de usar a camisinha feminina, ela dói muito” (37 anos), “não sinto

prazer com a camisinha feminina” (36 anos). Já no que se refere ao uso da camisinha masculina, justificavam não usar em função do homem, neste caso ele determina o uso ou não do preservativo, o que podemos constatar nas seguintes narrativas: “só às vezes, não é sempre, ele não gosta muito. Ele diz que é ruim, que não sente prazer, aí eu deixo, tudo bem” (18 anos), “às vezes a gente usava, mas ele dizia que não gostava, porque se sentia sufocado (risos)” (41 anos). As narrativas das mulheres nos possibilitam perceber o quanto elas desconhecem o próprio corpo, o que, por sua vez, pode impossibilitar o uso do preservativo feminino. Também ficou evidente o quanto ainda cabe ao homem tomar decisões, mesmo que impliquem a saúde de ambos.

Também buscamos problematizar com as mulheres que a camisinha não é apenas um método contraceptivo, mas uma prevenção à AIDS. Com relação a isso, é importante lembrar que, embora todas tenham afirmado conhecer a AIDS, pouco se previnem. Percebemos, portanto, a existência de outro problema para as mulheres: a negociação do sexo seguro, pois ao pedirem para seus maridos ou companheiros usarem a camisinha podem ser mal interpretadas, sugerindo que pode existir traição de ambas as partes. Nesse sentido, como indicar o uso da camisinha enquanto uma das formas de sexo seguro, se historicamente as mulheres são submissas a seus parceiros e desconhecem muitas vezes as práticas sexuais deles.

Outra questão importante que foi abordada com as mulheres diz respeito à realização do exame que previne o câncer de colo uterino. Das vinte mulheres que participaram, apenas quatro delas já fizeram pelo menos uma vez o exame. Surgiram as seguintes narrativas: “eu fiz, mas não gostei, eu tenho que fazer de novo, mas eu acho que eu não vou fazer” (37 anos), “eu não fiz nenhum tipo de exame, esses de câncer de mama, qualquer um assim eu nunca fiz” (43 anos), “é a primeira vez que faço o papanicolau, eu nunca tinha feito porque eu tinha vergonha. A maioria aqui tem vergonha” (36 anos). O papanicolau é um dos mais importantes exames para prevenção da saúde da mulher, além de ser simples e acessível. Porém, essas narrativas demonstram que algumas mulheres ainda resistem em realizá-lo por medo ou vergonha, o que conseqüentemente, pode dificultar ou inviabilizar a realização de exames, tratamentos e esclarecimento de dúvidas.

Por fim, no último encontro, desenvolvemos a atividade denominada “**Meu corpo é assim...**”, que tinha como objetivo conhecer as representações das mulheres entrevistadas sobre seus corpos. Solicitamos às mulheres que procurassem em revistas (tais como, Veja, Caras, Super Interessante e Capricho) corpos femininos com os quais se identificassem. Posteriormente a escolha, cada uma das participantes fixava a figura escolhida em um pedaço de papel, para a seguir apresentar e justificar a escolha da mesma as demais participantes do grupo. Inicialmente, ao reportarmos-nos aos cartazes produzidos, observamos que as mulheres identificaram-se com corpos elegantes, com rostos expressivos e feições delicadas, todos jovens, a maioria com cabelos longos, sorrisos perfeitos aparentando estarem felizes. A partir dessa análise inicial, compreendemos que as representações desses corpos femininos remetem ao estilo de corpo considerado o “padrão” em nossa cultura. Tais representações nos levam a pensar que somos constantemente bombardeados por informações que nos chegam principalmente através da mídia, a qual veicula significados que representam os corpos considerados perfeitos, que atende aos padrões e aos estilos de vida idealizados.

Nessa direção, a análise das narrativas dessas mulheres nos permitem pensar que as práticas discursivas veiculadas principalmente através da televisão – uma vez que ela é um dos mais importantes meios de divulgação de massa – constitui-se em uma pedagogia cultural ao produzir e construir significados com relação ao corpo da mulher, ao ensinar as mulheres maneiras de pensarem e atuarem com relação aos seus corpos. Assim, defendemos o argumento de que as mais distintas instâncias sociais apresentam determinadas representações para nos constituir, e nos tornamos sujeitos a partir dessas representações, pois elas demarcam e habilitam o que podemos e devemos ser.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Transitar nas narrativas das mulheres da Colméia nos possibilitou perceber que os corpos são alvos da atenção de muitas pedagogias culturais. A família, a medicina, a mídia, a escola, a igreja e tantas outras instâncias sociais, por vezes de forma sutil, produzem significados, veiculam saberes, transmitem valores e efetivamente acabam por produzir e (re)significar os sujeitos e suas identidades.

Nesse contexto, tais instâncias desenvolvem uma pedagogia voltada para a educação dos corpos, ensinando-os modos de viver a vida, de ser e agir como mulheres ou homens de um determinado jeito. Os ensinamentos conformam determinados tipos de corpos como submissos, “ideais”, jovens, bonitos, “sarados”, saudáveis.

Através da análise das narrativas das mulheres podemos perceber que desconhecem seus corpos e de seus companheiros e que esse desconhecimento pode dificultar ou impossibilitar a prevenção e tratamento de doenças.

Ficou evidente, também, que o culto ao corpo não se restringe aos marcadores sociais (classe, gênero, raça, etnia, sexualidade, etc.), uma vez que todas desejam o corpo “idealizado”, que circula nos meios de comunicação de massa, principalmente na televisão, a qual exerce muita influência na vida das mulheres pesquisadas.

Analisar as narrativas das mulheres implica entender que as representações de corpo estão engendradas em relações de poder. Portanto, pensamos ser imprescindível desestabilizar as verdades cristalizadas como únicas. Nesse caso, o padrão hegemônico de corpo, mostrando o jogo de poder envolvido na sua construção, problematizando a maneira como são significados e como produzem seus efeitos sobre as pessoas.

Assim, pensamos ser imprescindível olharmos e pensarmos acerca das marcas que inscrevem nossos corpos e nossas vidas.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Marisa V. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, Marisa V. (org.). **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2004. p. 13-36.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes et al. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p. 28-40.
- HADDAD, Sérgio & DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p.108-130, maio/ago. 2000.
- HALL, Sturt & DUGAY, Paul (org.). **Questions of cultural identity**. Londres: Sage, 1997.
- LEMERT, Charles. **O Pós-modernismo não é o que você pensa**. Malden: Blackwell Publishers, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p.59-75, jul/dez. 2000.
- _____. Sexualidade e gênero na escola. In: BRAUN, Maria C. **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001a. 69-78.
- _____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes et al. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b. p.7-35.
- _____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. Corpos que escapam. **Revista Estudos Feministas**. n. 4, ago/dez. 2003. Disponível em: < <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys6/p1.htm>.> Acesso em: 04 de março de 2005.

- MEYER, Dagmar S. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira L. et al. **Corpo Gênero e Sexualidade**: Um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p. 9-27.
- MORGAN, David L. **Focus groups as qualitative research**. Newbury Park, CA: Sage, 1997.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p.71-99, 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- STEINBERG, Shirley R. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luis H. da; AZEVEDO, José C. de e SANTOS, Edmilson S. dos (orgs.). **Identidade social e a construção do conhecimento**. Porto Alegre: SMED, 1997. p. 98-145.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos Culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema,... Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2004. p. 37-69.